

## FOLHETIM

### A's segundas-feiras

#### DOUS LIVROS DE VERSOS

Guimarães Passos — Versos de um simples (1886-91) — Rio de Janeiro 1891 — Raymundo Corrêa — Alletuias (1883-90) — Rio, 1891

A litteratura brasileira atravessa uma crise. Não vale negar o facto que é evidente. De quando em quando algum jornal, como que a protestar contra elle, chama de pessimistas nos que o asseverão e, querendo contradizê-los, annuncia com um grande dispendio de adjectivos retumbantes e laudatorios que o «fulgurante poeta A. tem no prelo um soberbo livro de poesias» ou que «o nervoso escriptor B. prepara um volume destinado a fazer sensação (como se no Brazil haja livro que faça sensação...) em o nosso mundo litterario.»

Não seria certamente das mais pobres a litteratura nacional, se viessem a lume todos esses livros assim annunciados. As litteraturas, porém, não vivem de promessas, mesmo quando

a promessa é um livro mediocre a dar lugar a esperança de melhora. Muito menos podem viver dessas promessas que nem essa fórma tomão.

Para ser justo, cumpre reconhecer que a crise a que allado vem dos ultimos annos do Imperio, de sorte que creio não errar attribuindo-a a preeminencia daquillo que se poderia chamar o problema politico.

Pelo fim do Imperio esse problema tomára um grande desenvolvimento e uma extraordinaria importancia. Primeiramente foi a questão abolicionista que quasi que dominou por alguns annos todas as outras, absorvendo todas as attentões, por isso que tocava em mil interesses. A essa ligou-se a chamada questão militar, e, por um momento, a federalista. A propaganda republicana, apoiada de um lado no elemento militar, de outro na lavoura profundamente despeitada com a lei 13 de Maio, ganhava evidentemente terreno ameaçando, desta vez seriamente, a estabilidade do Imperio.

A este cumpria defender-se e aos seus estadistas occorria a idéa de tirar á republica a razão de ser pela satisfação dadas as exigencias do paiz, sem embargo da fórma monarchica. Todos estes problemas, cada um mais grave que o outro, como que monopolisdrão ou pelo menos merecerão mais a attenção e as preoccupações do paiz, com menos preço de outros que não houvessem com elles immediata ligação.

Em uma terra em que não ha ainda, e, ai de nós! não haverá tão cedo, uma classe de homens de letras, de scientists ou de artistas que vivão da litteratura, da sciencia ou das artes, antes são as locubrações espirituas fora da politica apenas um passatempo, as épocas como estas são as menos propicias, senão francamente adversas á produção litteraria.

A Republica, escusava dize-lo, tornou ainda mais intensas as preoccupações politicas, que dominarão tudo enquanto a obra da consolidação da nova fórma de governo e a reorganização geral do paiz não estiverem completas.

Na Republica, porém, o problema politico complicou-se com a questão financeira ou, e direi melhor, com um extraordinario e entre nós nunca visto desenvolvimento da especulação sob todas as fórmas e absorvendo tudo e todos.

Já nestes mesmos estudos semanaes tive occasião de notar, quando é de estranhar—e quão fatal tem sido á Republica—essa febre material e bruta de ganho e de gozo no inicio de uma era que devia ser de regeneração social.

Taes são as causas, ao meu parecer principaes, da especie de decadencia ou pelo menos de estacionamento litterario que soffre o Brazil.

Causas naturaes não ha insurgir-nos contra ellas. Entretanto não devemos tambem submeter-nos com a passividade fatalista das orientaes a sua acção perigosa ao nosso desen-

volvimento espiritual. Eu não vejo com pesar o abandono em que homens de letras e homens de sciencia as estão deixando, ás letras e sciencias, pela politica ou pela especulação. Esta nossa politica, tão sem espirito e sem coração, tão intolerante e dogmatica, só lhes pôde ser prejudicial a elles e á arte.

As letras são, entre todas as cousas, a cousa livre por excellencia, e escravisa-las a um partido, qualquer que elle seja, é amesquinha-las e tirar-lhes a inserção e a liberdade de que carecem para viver. Ha pouco eu lia em Scherer uma interessante observação a respeito da Academia Franceza. O eminente critico comquanto não seja um revolucionario, no sentido atrazado e vulgar que aqui damos a esta palavra, não tem por aquella famosa instituição mui grande estima e julga-a pelo que ella vale. Apreciando a recepção do Sr. Renan, um triumpho do espirito de tolerancia que é a honra do nosso seculo, e comparando-a com os costumes politicos da actualidade, Ed. Scherer a si mesmo pergunta «se a academia não ia tomar um lugar novo e exercer uma nova influencia, tornando-se o asylo da mutua segurança, da liberdade de pensar, da consideração que se deve aos homens bem educados, em uma palavra, dessa cousa rara e preciosa entre todas, o respeito das opiniões.» Nos, feliz ou infelizmente, não temos nada que se assemelhe á Academia Franceza, e que possa ser, como ella está sendo, a defesa e a garantia de todas as opiniões.

Não poderia entre nós, como o aliás aconteceu não só em França com aquelle instituto, mas em todo o mundo civilizado, essa tarefa caber áquelles que pelo pensamento ou do pensamento vivem na esphera serena e altissima da litteratura, da sciencia ou da arte?

Fora dessa pesada e atrophadora atmosphera da politica militante poderião ainda exercer a mais nobre das influencias politicas, no alto sentido desta palavra, e serem, independentemente de uma congregação academica, os defensores e sustentaculos, pelas suas palavras e pelos seus actos, dessa cousa rara e preciosa entre todas, para empregar a expressão de Scherer, o respeito das opiniões.

Do espirito sectario só pôde vir para as letras amesquinhamento e perversão, e eu não sei se elle não será, senão mais pelo menos tão funesto ao seu desenvolvimento e á liberdade espiritual, sem a qual não podem viver, como seria hoje a immediata protecção de um rei.

No Brazil a poesia foi sempre a fórma mais copiosa da produção litteraria. Por isso na crise a que me refiro e cujas causas me levirão a esta digressão, é ainda a poesia que mais abundantemente mostra que vive ainda em nós, nada obstante diminuida pela especulação e pela politica, a preocupação das cousas do espirito Ou porque a poesia seja a fórma mais facil e espontanea da arte, ou porque os poetas, idealisadores eternos e incorrigiveis, escapem mais que os outros áquellas influencias, é certo que, em



meio da nossa escacissima producção litteraria são os livros de versos os que mais avultão.

Na porção dos que ultimamente vierão a lume —e digo porção porque, para ruins, são demais— cumpre destacar dous, que se não podem confundir com os que uma certa facilidade de versejar que nos é proprio lança frequentemente á publicidade.

Esses dous livros são os dos Srs. **Guimarães Passos** e Raymundo Corrêa.

•••

A crise litteraria no Brazil, não sei se é preciso dizer, não affecta sómente a quantidade, mas tambem a qualidade da nossa producção.

A poesia brasileira, quasi não receio dizer que está em decadencia, apesar da maior perfeição de factura que porventura mostra.

A critica não pôde desconhecer em a nossa poesia romantica, embora constatando a influencia de correntes estrangeiras, maior sinceridade no sentimento, maior franqueza na inspiração, maior espontaneidade de expressão. Sobretudo não lhe é licito negar que além d'essas razões de superioridade, uma outra possuía a qual deveu talvez mais que a nenhuma daquellas a sua força e a sua preeminencia sobre a actual; refiro-me a sua correlação com o seu meio e o seu tempo. E' ir.possivel em escriptos periodicos sem unidade senão a do mesmo criterio que os dirige, evitar as repetições que serão censuraveis e desnecessarias em um livro feito de um folgo

e unido em todas as suas partes. Correndo, portanto, o perigo dessa falta farei notar, como creio já ter reparado, que foi essa a grandeza e a felicidade do nosso periodo romantico, a perfeita identidade de sentimentos, a completa correlação de idéas entre os escriptores que o fizeram e o povo com o qual e pelo qual o fizeram. Os românticos representarão na ordem litteraria o mesmo papel que os contribuintes e os «patriotas» de 22 a 31 representarão na ordem politica: trabalharão pela nossa independencia. Forão pois conhecidos e amados como estes.

Qualquer que seja o merito que attribuamos aos nossos poetas de Castro Alves para cá o certo é que elles não são conhecidos. Se eu quizesse procurar a razão deste facto incontestavel, não vejo onde a acharia mais certa; se na falta do sentimento nacional no paiz, se na falta desse sentimento nos poetas, se finalmente n'um desequilibrio, consintão-me dizer assim, entre o meio e o artista, por haver este progredido mais do que aquelle.

Como quer que seja o facto é o mencionado: os nossos poetas modernos, do autor d'*Os Escravos* para cá não são conhecidos no paiz.

Fôra talvez do pequeno circulo do Rio, onde em geral produzem, ninguém os lê.

Nas mesmas academias, que forão outr'ora focos senão de producção ao menos de propaganda litteraria, a mocidade americanizada, pratica, politica e interesseira, não aprende

mais de cor, como fazião ainda os da geração immediatamente anterior, os versos dos poetas do seu tempo.

Não crea mais tão pouco as sociedades litterarias ou os innumerados e constantemente ephemeros jornaezinhos em que cultivava o puro amor da poesia ou das letras que, concluida a formatura, ia levar a todos os recantos do paiz o nome e os livros dos autores preferidos, eu desabrochava mais tarde, dando em Alencar, um Macedo, um Alvares de Azevedo, um Castro Alves.

Tudo isto passou. Outras preoccupações occupão a mocidade, outros interesses trazem exclusivamente attento o paiz. A cultura nacional sacrificada sob uma cultura estrangeira, não excessiva porém mal dada, não soube formar em nós o terreno propicio ao franco desenvolvimento de uma vida espirital que com verdade se pudesse chamar brasileira, isso sem mesquinhas e ridiculos odios chinezes aos estrangeiros, nem jactancia nativista.

Entretanto, e retomo o meu pensamento mais acima, se não possuímos neste momento um grande poeta, temos certamente alguns de real valor.

E se nos falta um grande poeta, eu não sei se não será porque a poesia brasileira ainda não achou propriamente o caminho seguro por onde enveredar e ao cabo do qual deve estar a verdade.

O que é certo é que alla tem andado hoje



ante e em tentativas. Um momento antolhou-se-lhe que a poesia scientifica — ó disparate! — era a ultima verba dessa fórma d'arte, não querendo ver que, no fim de contas, essa tal poesia scientifica não era senão a resurreição serodia da velha, desacreditada e por elles mesmos chasqueada poesia didactica. Como não estremerião na tumba os já desfeitos restos dos anovalhados Desisle, Pope, José Agostinho de Macedo, vendo-se justificados, nesta pretensa fórma de poesia! A poesia social e politica corre parilhas com a scientifica, e só pôde dar lugar a só deo lugar á emphasis, á falsa eloquencia, á declamação, cmfim, a uma porção de cousas que tudo pôde ser menos poesia.

E assim dizendo não quero de modo algum restringir o campo da poesia. Sendo a mais comprehensiva das artes, ella tem por isso mesmo a mais lata escolha dos assumptos ou, e direi assim melhor, ella poderá percorrer todo o teclado do sentimento humano. A poesia é, queirão ou não, o sentimento e não uma simples operação da intelligencia. Quando Victor Hugo escreve os *Chatiments* e fica ainda assim um grande poeta é porque nelle a indignação e o odio só podião, para terem toda a sua exansão, revestir essa fórma poetica.

A sua politica é de sentimento, intenso, profundo, talvez reflectido, mas sentimento. Quando a indignação, no verso de Juvenal, gera o poeta, é porque ella o impressionou de uma maneira que a tomou a fórma intensa da expressão poe-

tica. Notai bem que em Lucrecio, em Juvenal, em Victor Hugo e em todos os grandes poetas em que a poesia no caso delles impropriamente chamada scientifica ou social serve de meio de expressão, é o sentimento poetico no que elle tem de mais elevado que falla, sem um termo tecnico, sem nenhum ar pedante de ensinamento ou de doutrina. E se Lucrecio não fica inteiramente escapo a esta accusação, salva-se da condemnação que ella acarreta por ter sabido como ninguém encarnar toda a duvida da philosophia antiga e dar-lhe a mais alevantada traducção poetica. Não é licito por entre os cultores da poesia scientifica, essa genial Madame Akermann; mas quem já exprimio mais sentidamente e mais intensamente a acção da sciencia do nosso seculo sobre a alma humana, a nossa duvida, a nossa luta com o incognos civil e com a vida? Não, essa poesia de termos technicos e de theoremas postos em verso embora excellente, não é a poesia e a prova que não, é que nos deixa frios e indifferentes.

Não percamos, todavia, a esperanza; é impossivel que um povo novo, com fé nos seus destinos, não dê ainda desses cantores que vêm desde o mais remoto tempo que penetra a historia resumindo em em si todo o sentimento do seu tempo, traduzindo-o em uma fórma e em uma linguagem especial e, com seus cantos, embalando a humanidade.

O Sr. Guimarães Passos não é, para estarmos com estas classificações, nem um romantico, no sentido litterario da palavra, nem um parnasiano.

Se me permittem eu direi que elle é um espontaneo. A fórma camoneana do seu soneto, tão differente do aparo panasiano do Sr. Raymundo Corrêa, é característica. Depois a nota não só dominante, mas exclusiva do Sr. Guimarães Passos é a paixão amorosa. Não é bom acreditar muito nesse amor como sentimento unico, absorvente e dominativo dos poetas. A critica, porém, apens tem de indagar da sua realidade na fórma artistica em que elles o publicão.

A subjectividade do artista imprime aliás o cunho da verdade a todas as suas concepções ou, melhor dizendo, as suas sensações. Nos 52 poemas de que se compoem o livro do Sr. Guimarães Passos, não ha quasi nenhum que não seja um poema de amor, e de amor ardente, voluptuoso e melancolico. Por isto ao menos é bem brasileiro o Sr. Guimarães Passos, e versos ha seus que relembrão a doce nota amorosa e piegas da nossa poesia popular. E' esta a característica deste poeta, e *Versos de um simples* é, por uma rara excepção, um titulo verdadeiro. Chora no seu verso, com menos melancolia, menos angustia, e mais arte, a nota de Casimiro de Abreu. Para o Sr. Guima-

rães Passos a poesia é simplesmente isto, o canto do amor subjectiva ou objectivamente experimentado. Por vezes, entretanto, traduzindo esse sentimento encontra elle verdadeira expressão o que, na arte, prova que verdadeiro e o sentimento. Tal no soneto

SEMPRE

Se eu não te disse nunca que te amava,  
Perdôa-me, mulher, sou innocente;  
Eu vivia de amar-te unicamente,  
Unicamente em tea amor pensava.

Se os meus labios calavão-se, falava  
O meu olhar apaixonadamente.  
Porque, se o labio oculta o que a alma tenta,  
Conta o olhar o que o labio não contava.

Meu rosto triste, meo scismar constante,  
Meu gesto, meu sorrir, tudo exhalava,  
Tudo exprimia um coração amante.

Em tudo o meu amor se denunciava,  
Via-te em toda a parte e a todo o instante,  
Se estavas longe, se contigo estava.

A fórma no Sr. Guimarães Passos, já o disse, não tem a correcção nem a elegancia da do Sr. Raymundo Corrêa. Em geral a sua expressão, como a sua rima e a sua phrase, é commum.

Elle não possui essas novidades de estylo e de rima que são o principal encanto dos poetas modernos e de que entre nós me parece ser o Sr. Bilac o mais perfeito exemplo. Tem versos como estes:

Clacs, já tinhas o meu coração. (Pag. 8.)  
Abre-me a cruz dos teus formosos braços!  
(Pag. 55.)

Antes me odeies que, com dô profundo  
Digas um' hora:—porque veio ao mundo  
Quem havia de ser tão desgraçado! (Pag. 57.)

Sangra-me o corpo que sorrindo furas...  
(Pag. 232.)

Estes versos são uns mãos, embora certos, e todos vulgares. Ora como esses ha muitos, a denunciar em um poeta de merecimento um imperdoavel descuido do pensamento e da fórma. Felizmente o mesmo poeta tem sonetos como esse *Teu lenço*, tão gracioso e correcto. Não tenho o direito da dar conselhos, mas não me levarão a mal lembrar que ainda é de toda actualidade, sem embargo dos seus dous seculos, o conhecido verso de Boileau:

Vingez fois sur le métier renettez votre ouvrage;

Polissez sans cesse el le repolissez,  
Ajoutez quelque fois, et soudeul effacez.

Eu creio que ha mais alma na poesia do Sr. Guimarães Passos, apesar da trivialidade do seu sentimento e da sua expressão, do que na do Sr. Raymundo Corrêa. Este poeta, que disputa a perfeição da fórma com o Sr. Bilac e



com o Sr. Alberto de Oliveira, tem a poesia fria, impassível, como nenhum delles. A serenidade de seu verso, como a sua perfeição é, por assim dizer, uma cousa sensível.

Não exageremos, porém, nem a perfeição da forma, nem a impassibilidade do estro. Na forma poetica, estou a dizer uma vulgaridade, não é somente essencial a correção tecnica do verso, senão também a belleza do estylo e a novidade da expressão. No Sr. Raymundo Corrêa aquella qualidade sobreleva de merito a estas e nem sempre foge com felicidade aos lugares communs. Este, por exemplo, não é bom:

«Mas não!... Na dôr não me imites! (Pag. 160),

Entretanto esses são excessivamente mais raros que no livro do Sr. Guimarães Passos, e a inspiração do Sr. Raymundo Corrêa é, se posso dizer assim, mais distincta que a daquelle poeta e mais distincta em geral que a dos seus pares da actual poesia brasileira.

Ha nelle, com muito menos profundeza todavia e com muito menos força, alguma cousa de Sully Prudhomme. Não é somente um poeta, é um pensador, sem entretanto cabir no erro da poesia scientifica.

E' bello este soneto e parece-me dá bem a idéa da maneira do A.

rsycué

Seu labio, a tua sede e intenso ardor,  
Como a frescura de uma fonte, acalma;

Venceste-a, amante; e da victoria a palma  
Colheste, em beijos, no seu labio em flor.

Deu-te noites ideaes, sob o esplendor  
De um céu de nupcias—tenda azul, tão calma,  
Funda, mystica e excelsa... E deu-te (O' alma,  
Que mais desejas?! ) todo o seu amor!

Elle, o amor, na progenie perpetua  
Eis, em que te incendias, sacra flamma,  
— Bafo immortal dos deuses immortaes.

E essa immortalidade e tua, é tua!  
E essa immortalidade, elle a proclama  
Em ti! O' alma, que desejas mais?!

A *Ode parnasiana* é perfeita, como perfeito é quasi tudo que compõe as *Alléluias*.

Entre os poemas que a formão, não sei se não preferiria, como mais pessoal e menos fria, essa linda *Missa da Resurreição*, de uma tão verdadeira nota humana.

Se pude, segundo o comprehendí, definir o talento poetico do Sr. Guimarães Passos, encontro difficuldade em fazê-lo para o Sr. Raymundo Corrêa, o que prova que elle é mais profundo. Não o tentarei, pois satisfaz-me a consolação de ter lido um poeta.

Entretanto, nem um nem outro me dão a impressão da nota nova e forte que, como disse outro dia, procuro na poesia brasileira actual.

O nosso lyrismo mesmo, tão facil e brilhante, se tem ganho um pouco em profundeza ou an-

tes em requinte de sentimentos, tem perdido algumas de suas qualidades. Ha um poeta que promettia e pôde ainda dar muito, é o Sr. Mac' O Teixeira; com elle existem alguns outros talvez com inspiração menos larga, porém com mais saber e mais nova intuição.

O Sr. Luiz Murat, sem merccer os exagerados encomios que lhe fazem é, apesar da desigualdade da sua obra, um dos bons, senão dos melhores. O Sr. Olavo Bilac é dos que mais prezo, pela naturalidade do seu sentimento e sinceridade de sua inspiração. O Sr. Alberto de Oliveira, mais perfeito talvez que o Sr. Murat, rivalisa em qualidades de inspiração com o Sr. Bilac.

E não são primazias que estou estabelecendo, não tenho nem gosto nem competencia para fazê-lo. Digo a minha impressão de leitor, impressão que não pôde ter o rigor de uma formula geometrica, pois o proprio momento e estado de espirito em que lemos um poeta influe na impressão que delle recebemos. Nesta resenha rapida em que escaparão nomes como os dos Srs. Filinto de Almeida, Wenceslão de Queiroz, Valentim Magalhães, e outros, vai apenas a expressão da minha sympathia pelo talento com que, apesar dos seus defeitos, estão estes poetas lutando contra o meio e procurando sustentar e continuar a gloriosa tradição da nossa poesia.

José Verissimo